

G. R.E.S.V. SERENO DE CACHOEIRO

CARNAVAL VIRTUAL 2026

Enredo: "Inykywy Kananciuê "

Pedimos licença às águas do Araguaia e ao sopro dos ancestrais para contar a saga de um povo que nasceu do barro e da coragem. A Sereno de Cachoeiro mergulha no universo sagrado dos **Iny (povo Karajá)** para narrar como o herói **Kananciuê** roubou a luz da escuridão e deu ao mundo a cadência do tempo e o dom da liberdade.

No princípio, não havia o amanhã. O mundo era um breu aquático, o caos primordial de **Inã-Bèrè-Marã**.

Ali, os Karajá, ou Iny, como chamavam a si mesmos, viviam como peixes, tateando o vácuo, na escuridão e no silêncio. Convivendo com os seres encantados do fundo do rio, em meio às algas e ao limo das pedras, sua fonte de luz eram os pequenos luminares mágicos que serviam de braseiros, que por vezes se perdiam em meio à imensidão escura das águas do Araguaia.

Nas tramas de sua rede, repousava **Kananciuê**, que a tudo havia criado como um sonho bom. Casado com a bela Mehirikó, não se movia para nada que não fosse apreciar sua amada. Apesar de ser julgado pela "preguiça" aos olhos de seu sogro, o herói guardava em si a força latente da transformação.

Quando a escuridão fere o ancião na busca por lenha ficando cego, o silêncio se quebra. Kananciuê aceita o desafio: ele não é apenas um habitante da rede; ele é o fio condutor que ligará a sombra à luz. O herói desperta, e com ele, a vontade de mudar o destino. E assim, Kananciuê sai em busca da Luz, não só para os olhos do sogro, mas para todo seu povo. Sem armas, munido apenas de astúcia, o herói caminha em busca da Luz.

Naquele tempo, Sol, a Lua e as Estrelas não pertenciam ao céu, mas eram tesouros cativos no ninho de **Ranranresá**, o feroz Urubu-Rei. Kananciuê deveria enfrentar os perigosos guardiões do reino de Ranranresá, o Exército de Penas Negras, mas prefere usar estratégia. Fingindo-se de morto nas areias brancas, Kananciuê atrai a divindade alada.

Numa batalha de inteligência contra a força bruta, ele agarra às garras de Raranresá e liberta os astros, que explodem no firmamento em um espetáculo de prata e ouro. O Sol, A Lua e as Estrelas seriam agora os luminares da Terra. Futuramente, o povo Iny iria se guiar pelos astros em sua jornada.

Mas a vitória trouxe o fúria: o Sol (**Theuú**) corria desenfreado, queimando as horas num piscar de olhos. O dia era curto demais para a vida prosperar. Num ato final de devoção ao seu povo, Kananciuê escala a

palmeira mais alta e agarra-se à perna do astro-rei. Ali, ele se torna o guardião do equilíbrio, sacrificando sua liberdade para frear o tempo, garantindo que o dia tenha a duração necessária para que a vida Iny possa florescer.

Com o tempo ordenado, o povo emerge das águas para a superfície através de uma fenda no solo. O brilho do sol causa espanto e fascinação, a beleza dos animais, a exuberância da flora... tudo encanta neste novo mundo. Os Iny se fixam na mística **Ilha do Bananal**.

Diante do Rio Araguaia, Kananciuê apresenta a grande escolha: voltar à imortalidade fria no fundo das águas ou a ficar e viver a beleza efêmera e livre da superfície. Vida eterna na escuridão do fundo do rio ou uma vida mortal sobre a terra. O povo escolhe o sol, a brisa... e a morte — pois só quem aceita o fim pode valorizar a intensidade de cada nascer do dia.

Com novos corpos, moldados no barro do rio, conhecem novos povos, novos seres, se tornando o povo Karajá

A cultura Karajá é o verdadeiro sol que nunca se põe.

Pelas mãos das ceramistas, nascem as **Ritxoko**, as bonecas de barro que guardam a identidade feminina. No rito do **Hetohamy**, os jovens são iniciados. E ao som do canto do ritual **Aruanã**, a Sereno de Cachoeiro celebra a resistência: Kananciuê vive em cada grafismo, em cada cocar e em cada alma que se orgulha de ser filha da luz!